

LE PARISIEN

METADE DO SÉCULO XIX

Edição especial produzida pelos alunos da 2ª Série do EM | Colégio Stella Matutina

ITÁLIA FINALMENTE UNIFICADA E UM NOVO REI.

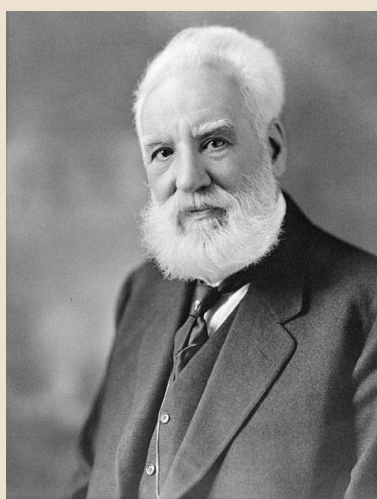


Vitor Emanuel II nomeia Camilo Benso, o Conde de Cavour, como primeiro-ministro do reino.

O Reino de Piemonte-Sardenha lidera então a unificação italiana e decide enfrentar a Áustria com apoio francês na Segunda Guerra de Independência italiana. Assim conquista o Reino de Lombardia, e vários outros reinos decidem se juntar ao movimento de unificação. Então Vitor Emanuel II, Rei de Piemonte-Sardenha, autodeclara-se rei de toda a Itália. **pág. 7**

EGITO LANÇA PEDRA FUNDAMENTAL PARA CONSTRUÇÃO DO CANAL DE SUEZ

pág. 11



Alexander Graham Bell

ENTREVISTA

Em uma entrevista exclusiva ao jornal *Le Parisien*, Alexander Graham Bell, inventor do telefone, nos conta um pouco mais sobre sua vida, inspirações e seu processo de criação. **pág. 15**

CRIAÇÃO REVOLUCIONÁRIA NO MUNDO DAS ARTES: O CINEMA

Foi no século XIX, em 1895, aqui na França, que os irmãos Louis e Auguste Lumière inventaram o cinema. Na primeira metade do século a fotografia já havia sido inventada por Louis-Jacques M. N. P. Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce, possibilitando esta criação revolucionária no mundo das artes e da indústria cultural. **pág. 16**

EXPEDIENTE

JORNAL: *Le Paresien*

ENDEREÇO: Av. Presidente Itamar Franco, 905.

DIRETORA GERAL: *Bernadette Moreira*

EDITORES GERAIS: *Sarah Ferreira e Clara Brinati*

EDITORES: *Isabela Cardoso, Tiago Reis e Erika*

Mayrink

ARTICULISTAS: *Agnes do Amaral, Raquel França e*

Roberta Lopes, Sofia Amaral

CHARGE: *Ana Karolina de Oliveira e Laura Candeia*

JORNALISTA RESPONSÁVEL: *Tania Heluey*

Registro: 1969 LIV 07FLS 28

EDITORIAL



EDITORIAL

Canal de Suez dá seus Primeiros Passos

A construção do canal de Suez se dá início no dia de hoje (25) e é uma iniciativa que surgiu do fruto de uma breve união entre Napoleão III da França com Ismail Pachá, um grande monarca egípcio, que juntos investiram nesse novo projeto com o intuito de aumentarem seus capitais. Essa construção é muito interessante e tem um enorme ponto positivo, pois a partir de agora os navios não mais precisarão navegar em torno do continente Africano. É importante destacar que com esse novo canal as viagens de navio serão mais rápidas e econômicas em relação a tempo, já que as navegações terão uma espécie de "atalho" entre a Europa e as Índias.

Por Clara Brinati e Sarah Ferreira

Tempos de mudança

Cansados. É assim que nos sentimos sobre tudo isso. Estamos cansados de ver pessoas sofrendo com a escravidão e definitivamente não se é necessário fazer parte do grupo oprimido para lutar contra esse mal que está presente em nossa sociedade por mais de três séculos.

Por isso, surgiram alguns movimentos abolicionistas, que estão ganhando muita força, o que é importante visto que eles reúnem diferentes grupos da sociedade a fim de acabar com a escravidão. O crescimento dessa pauta também está se fazendo presente na política, contando com a participação de Joaquim Nabuco, Luís Gama, André Rebouças, dentre outras pessoas influentes da sociedade, que estão sendo uma parte significativa de todo esse processo antiescravista que estamos vivendo nos dias de hoje.

É possível contar também com o apoio público, por meio de manifestações que ocorrem de muitas formas, sendo elas legais ou não, diretas ou indiretas. Há, por exemplo, a distribuição de panfletos, eventos, incentivo e auxílio às fugas e o uso de camélias brancas, que simbolizam a causa.

Todos os movimentos abolicionistas com a resistência dos escravos forçaram o império a tomar uma atitude, o que nos traz ao dia de hoje, 13 de maio de 1888. Como resposta, obtivemos a assinatura da Lei Áurea, por meio da qual nossos sonhos se tornaram realidade. Mas o que isso significa? Seria este o fim de uma era escravista? Haverá mais respeito e igualdade em nossa sociedade a partir desse momento?

Por Raquel França e Agnes do Amaral.

ALEMANHA FINALMENTE CONSEGUE UNIFICAÇÃO

Ontem (18), oficialmente, no Palácio de Versalhes, na França, após a rendição de Napoleão III na Guerra Franco-Prussiana, os reinos germânicos declararam a união como um Estado-nação. A ocasião contou com a participação dos monarcas alemães que se reuniram para proclamar Guilherme I como imperador Guilherme do império alemão.

O processo de unificação reuniu diversas fases e teve como antecedente a Confederação Germânica, criada pelo Congresso de Viena após a queda de Napoleão Bonaparte. Na ocasião os reinos alemães, que formavam 39 Estados autônomos, foram entregues para a Áustria, o que causou um longo descontentamento dos germânicos com os austríacos, fato que levou a uma tentativa de unificação alemã fracassada (Parlamento de Frankfurt) em 1848.

Anos mais tarde, em 1862, quando Otto Von Bismarck foi eleito primeiro ministro da Prússia, a ideia de unificação voltou a ganhar força. Junto com o rei Frederico Guilherme I, eles lideraram o movimento, por serem o reino mais rico. Na época, eles tiveram apoio da burguesia e dos Junkens (aristocracia rural), mas não com a da população, uma vez que Von Bismarck acreditava que a Alemanha deveria ser só para a elite.

Como estratégia para levar a unificação, Bismarck tomou parte em conflitos com outros países. O primeiro deles, em 1864, foi a Guerra dos Ducados, ocasião em que a Áustria e Prússia formaram uma aliança contra a Dinamarca para conquistarem os territórios de Holstein e Schleswig. Porém, a aliança não durou muito tempo, pois em 1866, após a Prússia criticar a administração austríaca nos territórios conquistados, a Áustria declarou guerra contra a Prússia, iniciando o segundo conflito.

Durante a Guerra Austro-Prussiana, a Prússia contou com a ajuda da Itália, que já havia se unificado, e com a neutralidade de Napoleão III. A Áustria perdeu a guerra e a Confederação Germânica foi dissolvida, surgindo, assim, a Confederação do Norte.

O último e mais recente conflito se deu após Napoleão III se intrometer nas questões sucessórias da Espanha e pedir a retirada da candidatura de Leopoldo Hohenzollern, que é prussiano, ao trono espanhol. Guilherme I, na época, tentou negociar com a França, mas Bismarck alterou o conteúdo do Despacho de EMS e mandou publicá-lo na França que declarou guerra. Atualmente o conflito continua, porém, com a rendição de Napoleão III e com o cercamento de Paris, a França se encontra em grande desvantagem.

O REINADO DE NAPOLEÃO III

Em 1848, Luís Napoleão foi eleito para governar nosso país por quatro anos, mas, graças a um golpe que retirou o poder do legislativo, esteve à frente do país por uma década.

Favorito no plebiscito de 1852, Luís recebeu o título imperial de Napoleão III e casou-se com Eugênia de Montijo, que mantinha grande influência sobre o imperador e sua corte frequentada por escritores e artistas ilustres.

Paris começava a se tornar uma grande potência, com a ajuda dos burgueses, do exército e da igreja. A partir daí, o urbanismo se desenvolveu e a cidade passou por uma grande reforma, com ruas e calçadas mais largas, iluminação a gás, aquedutos e meios de transportes públicos puxados a cavalo, entre outras melhorias. Com a abertura do canal de Suez por Ferdinand de Lesseps, houve também o desenvolvimento da agricultura, das indústrias metalúrgicas e têxtil e das redes bancárias. Paris torna-se o “paraíso da modernização”.

O Segundo Império foi marcado pela ditadura, modernização e desenvolvimento econômico, que marginalizava o legislativo e as forças de oposição. Durante esse período, Paris recebeu, na gestão do prefeito Haussmann, magníficos parques, bulevares e construções elegantes. A capital do império sediava também exposições mundiais, para onde convergia a divulgação do progresso cultural e industrial do planeta.

As pressões liberais cresceram a partir de 1860, obrigando o imperador a conceder liberdade de imprensa, além de ampliar os poderes da Assembléia Nacional.

Nos anos 1860, o imperador francês passou a desenvolver uma política externa ambígua e desastrosa para a França. Com a efervescência dos nacionalismos, das lutas pela independência de povos dominados desde antes do Congresso de Viena, Napoleão III passou a defender a política das nacionalidades.

Entretanto, em alguns momentos, Napoleão III fez a própria França tornar-se dominadora de outros Estados, posicionando-se a favor da independência dos Estados romenos da Moldávia e da Valáquia, contra o Império Turco-Otomano, e apoiou os piemonteses em sua luta pela unificação italiana, voltando-se contra os austríacos que reinavam sobre a região desde 1815. Pressionado, entretanto, pelos católicos franceses que consideravam as ambições piemontesas uma ameaça aos domínios da Igreja, Napoleão III retirou seu apoio aos italianos e passou a defender Roma contra os unificadores.

A intervenção de Bonaparte no México, entre 1862 e 1867, derrubando o presidente Benito Juárez, a fim de garantir o comércio francês na América e conter a hegemonia norte-americana, arruinou as finanças francesas.

A França envolveu-se ainda numa guerra contra a Prússia, em processo de unificação dirigido por Bismarck. Nosso país tentou evitar a formação de uma nação forte – a Alemanha –, que poderia cruzar nossas fronteiras. Nessa luta, os prussianos nos venceram e aprisionaram Napoleão III na batalha de Sedan, no ano passado (1870).

A guerra contra os prussianos, a capitulação de Sedan e a rendição de Napoleão III em 1870, colocaram fim a esse difícil reinado, em que se deu, apesar de tudo, a construção completa dos edifícios do Palácio do Louvre, seguindo o antigo projeto de Henrique IV. O incêndio do Palácio das Tulherias, durante a insurreição da Comuna, deixou somente as ruínas simbólicas.

Em setembro do ano passado, presenciamos o término do Segundo Império e o surgimento da Terceira República, concretizando-se, assim, a unificação alemã. Ao nosso país cabe agora, pelo tratado de Frankfurt, entregar à Alemanha a Alsácia-Lorena, uma região rica em minérios, pagar uma pesada indenização, além de aceitar que a festa oficial de criação do novo Estado alemão seja realizada no Palácio de Versalhes, próximo de Paris.

O CARTISMO (1838-1840)

Foi um movimento considerado ilegal pelo governo, pois a legislação inglesa proibia movimentos trabalhistas. Uma novidade desse movimento é que o povo começa a tomar uma posição de participar do poder político, não apenas pedir aumento de salário (abaixo assinado). O movimento cartista surgiu em Londres, em 1838, a partir de uma petição encaminhada ao parlamento por uma associação de trabalhadores, liderados por Feargus O'Connor e William Lovett. Essa petição era chamada de “a carta do povo” e reunia as assinaturas dos trabalhadores em busca de uma mobilização de mais de 500 mil trabalhadores.

- 1-Sufrágio universal masculino;
- 2-Voto secreto; Eleição anual; Igualdade entre os direitos eleitorais;
- 3-Participação de representantes da classe operária no parlamento;
- 4-Remuneração dos parlamentares.

1- O sufrágio universal masculino foi pedido, pois o voto era censitário, ou seja, pela renda (pequena parte da população votava), e nessa clausura da carta pede-se o direito de todo homem livre votar.

2- O voto secreto foi pedido, pois, caso o sufrágio universal fosse adotado, os patrões podiam obrigar os trabalhadores a votar em quem eles queriam, então, para impedir isso, pedem o voto secreto por meio da cédula

3- A Participação de representantes da classe operária no parlamento foi solicitada, pois os parlamentares eram qualificados segundo suas posses, sendo assim, ninguém da classe operária podia participar do parlamento, por não terem muitas ou nenhuma posse.

4- A remuneração dos parlamentares foi pedida, pois eles não teriam condições de trabalhar nas fábricas e se dedicar às atividades parlamentares, pois, como naquela época o voto era censitário, os parlamentares não precisavam receber, pois já tinham renda própria, e esse não era o caso dos trabalhadores que iriam precisar de uma fonte de renda para se manter, devido à ausência de seu trabalho na fábrica.

Foi um movimento bem mais amadurecido que o ludismo, pois pretendia conquistar a representação política do proletariado dentro do parlamento (onde as leis eram feitas). A carta do povo foi enviada ao parlamento da Inglaterra que recusou as propostas dos trabalhadores, posteriormente o movimento foi reprimido pelo governo e desarticulado por volta da década de 40. O cartismo abriu caminho para a formação do sindicato.

A UNIFICAÇÃO ITALIANA
FOI O PROCESSO DE UNIÃO
TERRITORIAL QUE
RESULTOU NO SURGIMENTO
DO ESTADO-NAÇÃO DA
ITÁLIA NA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XIX.

ESSE PROCESSO FOI
LIDERADO PELO REINO DE
PIEMONTE-SARDENHA QUE,
NESSA ÉPOCA, ERA
GOVERNADO PELO REI
VITOR EMANUEL II, DA CASA
DE SABOIA.

ITÁLIA NO SÉCULO XIX

Durante a primeira metade do século XIX, a Itália não existia como Estado-nação e a sua região era formada por uma série de pequenos reinos, muitos dos quais estavam sob o domínio dos austríacos. Os ideais nacionalistas fortaleceram-se durante o século XIX, especialmente a partir das revoluções liberais de 1848 que aconteceram em toda a Europa.

O fortalecimento desses ideais nacionalistas na região da Itália levou à formação de diferentes movimentos, que defendiam formas distintas de conduzir essa unificação territorial:

Neoguelfos: liderados por Vincenzo Gioberti, defendiam a unificação da região sob a liderança do papado.
Republicanos: liderados por Giuseppe Mazzini, defendiam a unificação sob a inspiração de ideais republicanos.
Monarquistas: desejavam unificar a região sob a liderança da Casa de Saboia, constituindo um regime monárquico. Os grandes nomes desse grupo foram Vitor Emanuel II e Conde de Cavour.

Os movimentos de 1848 também incentivaram rebeliões encabeçadas por republicanos em diferentes partes da Itália. Uma dessas tentativas de tomar o poder foi conduzida por Giuseppe Mazzini, líder do grupo republicano Jovem Itália. Os movimentos republicanos, no entanto, fracassaram e acabaram enfraquecendo-se.

No ano seguinte, em 1849, Vitor Emanuel II assumiu como rei de Piemonte-Sardenha, logo após o seu pai ter fracassado em derrotar os austríacos que ocupavam reinos da região. Em 1852, Vitor Emanuel II nomeou Camilo Benso, o Conde de Cavour, como primeiro-ministro do reino e, juntos, lideraram a unificação italiana.

Unificação da Itália

A unificação italiana, ou Risorgimento (ressurgimento em português) como preferem os italianos, foi liderada pelo Reino de Piemonte-Sardenha. Primeiramente, o primeiro-ministro realizou um breve processo de modernização no reino. A respeito da unificação, Conde de Cavour sabia que obrigatoriamente deveria haver um enfrentamento contra a Áustria.

Para esse enfrentamento, ele procurou o apoio francês. Juntos, franceses e sardo-piemonteses lutaram contra os austríacos na Segunda Guerra de Independência Italiana, em 1859. Essa guerra, vencida pelo reino sardo-piemontês, permitiu-lhes anexar o Reino da Lombardia.

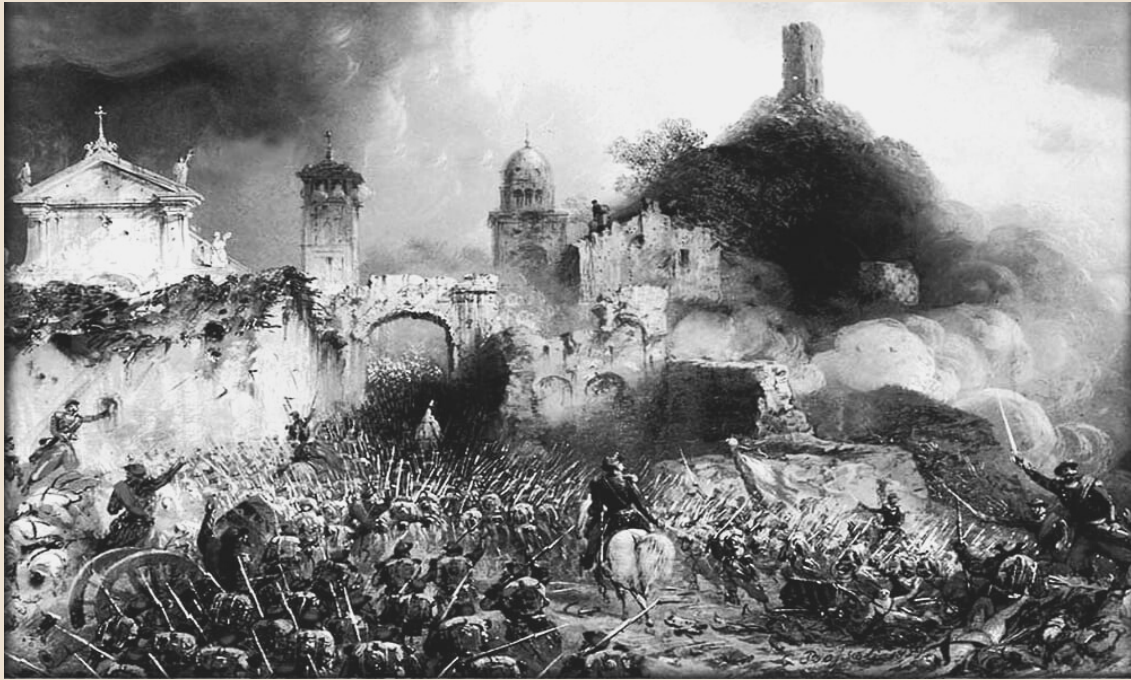
Com a derrota austríaca, outros reinos italianos rebelaram-se, expulsaram seus governantes austríacos e, após um plebiscito, também se anexaram ao Reino de Piemonte-Sardenha.

O sucesso no confronto contra os austríacos garantiu ao rei Vitor Emanuel II o apoio de republicanos influentes como Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi.

Esse apoio republicano ao movimento de unificação de Piemonte aconteceu por causa do enfraquecimento dos republicanos após o fracasso de 1848. Com isso, Garibaldi conduziu uma rebelião no Reino das Duas Sicílias, no sul da Itália, e, depois de conquistar a região, entregou-a ao domínio de Piemonte.

Com o crescimento dos territórios conquistados, Vitor Emanuel II autodeclarou-se rei de toda a Itália em 1861. Os seguintes passos desse rei garantiram-lhe ainda o controle sobre a região de Vêneto, que tinha se aliado com os prussianos durante a Guerra Austro-prussiana de 1866. Por fim, a retirada das tropas francesas dos Estados Pontifícios por causa da Guerra Franco-prussiana permitiu os italianos invadirem e conquistarem a cidade de Roma.

A invasão dos Estados Pontifícios provocou a insatisfação da Igreja Católica, que não reconhecia a autoridade de Vitor Emanuel. Esse desentendimento somente foi solucionado em 1929, quando o Tratado de Latrão, assinado entre a Igreja e Benito Mussolini, possibilitou o surgimento do Estado do Vaticano. As últimas regiões foram anexadas ao território italiano após a Primeira Guerra Mundial, em 1919.



CARLO BOSSOLI - BATTLE OF SOLFERINO (1859)

O IMPERIALISMO NO SÉCULO XIX

O imperialismo é liderado pela Inglaterra e pela França e predomina na África e na Ásia. Os objetivos principais desse movimento são a expansão de território, a busca por matéria prima e por mercado consumidor, o que leva diretamente a um investimento na capital e a um capitalismo monopolista financeiro desses países .

Nestes últimos meses, quatorze países europeus e os Estados Unidos vêm se reunindo na conferência de Berlim para efetuarem a partilha da África. A divisão proposta por eles não respeita as fronteiras africanas, pois pensam apenas em seus próprios interesses, o que acarreta a separação de povos africanos aliados e até mesmo a união com tribos rivais no mesmo território.

Os europeus chegaram destruindo a economia de subsistência atual da África e impondo o sistema de plantation. A dominação sobre os países africanos é caracterizada pelo uso extremo da violência, implementando a diplomacia do canhão e do fuzil de forma a intimidar os povos e exercer controle sobre eles.

LUDISMO

O Ludismo é um movimento de trabalhadores que estão se unindo para se revoltarem contra o uso das máquinas nas indústrias. Atualmente, os rebeldes pretendem invadir as indústrias têxteis para destruir estes equipamentos.

O ludismo e alguns outros movimentos surgiram como consequência direta das transformações nas relações de trabalho e na qualidade de vida do trabalhador inglês. Os operários lutam contra a precarização do seu trabalho gerada pela industrialização.

A substituição das pessoas por maquinário é provocada pela invenção da Máquina a Vapor, por James Watt, que fabrica mais produtos e de melhor qualidade.



A CONSTRUÇÃO DO CANAL DE SUEZ



1869: INAUGURAÇÃO DO CANAL DE SUEZ

Hoje dia 25 de abril de 1859 começa a construção do Canal de Suez, que promete economizar tempo e encurtar distâncias. A decisão de abrir a passagem ressurgiu com força durante a campanha de Napoleão no Egito, e o projeto foi encomendado ao engenheiro Charles Pepère, pelo general francês.

O canal irá permitir que navios viagem entre a Europa e as Índias, passando entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho, sem precisarem navegar em torno do continente Africano.

Napoleão terceiro da França e o Monarca egípcio Ismail Pachá se unem para investirem na construção, com o objetivo de aumentarem o capital de seus países.

É esperado que o prazo inicial para construção seja de cinco anos e que a maior parte dos trabalhadores, em torno de 20 mil, sejam do Egito.



COMO A EXPLORAÇÃO AFRICANA CONTRIBUIU PARA ECONOMIA EUROPEIA?

Desde a segunda Revolução Industrial, a economia da Europa vem sofrendo um perceptível aumento. Entretanto, ontem (15), após os dados recebidos pela editoria, foi mais claro analisarmos essa melhoria econômica.

Primeiramente é necessário entender o que levou alguns países a investirem seu capital no continente africano.

Após as revoluções industriais, as grandes indústrias começaram a crescer e eliminar as menores. Sendo a única fonte da produção, começou-se a gerar excedente chegando a um nível que somente se produzia, mas nunca vendia, assim nunca tendo lucro.

Com esses problemas econômicos no continente, foi necessária a tomada de algumas medidas, tais como a diminuição do preço das mercadorias e a demissão de diversos funcionários. A oferta e a demanda não eram compatíveis, assim agravando uma grave crise que se espalhou por toda a Europa.

Movidos pelo crise, países europeus foram para a África visando investirem seu capital. Como já tinham conhecimento dos benefícios que o continente africano poderia oferecer, também utilizaram sua mão de obra barata e matéria prima.

Levando em conta apenas seus interesses, dividiram o continente entre si. Para o continente ser considerado território dos países europeus, foi necessária sua povoação e comercialização.

Construções de cidades, estradas e portos foram realizadas. Agora o planejamento do sistema de plantation começou a entrar em prática, já mostrando grandes melhorias na economia do continente.

A COMUNA DE PARIS E SUAS IMPLICAÇÕES

A França com seu governo provisório convocou eleições para a formação de uma Assembleia Constituinte. Os proprietários de terras decidiram votar na burguesia, apoiando os monarquistas, porque temiam que a Resistência armada da população, na guerra contra a Prússia, se revoltasse novamente.

Em 1848, os prussianos cercaram Paris durante meses, levando o governo francês à rendição. O povo se revoltou contra a nova administração que assumiu o país, tendo em vista que os acordos firmados com a Prússia eram prejudiciais à França. Como por exemplo, a devolução do território de Alsácia-Lorena, em poder da França, que foi devolvido aos prussianos, numa tentativa de acabar com a guerra.

Esse foi o ponto de partida para a criação da Comuna de Paris, que foi um movimento visando um governo socialista, onde todos pudessem lutar pelos mesmos direitos, objetivos e interesses.

Uma vez instalada, a Comuna definiu suas bases. As primeiras medidas apontaram para o fim da polícia e do exército, que foram substituídos pelo Destacamento armado do povo. Em seguida, quebrou-se o vínculo Estado e Igreja.

O ensino passou a ser profissional e obrigatório, e os trabalhadores passaram a administrar as fábricas. Nesta mesma linha de conduta, os funcionários do governo passaram a ter as mesmas vantagens dos operários especializados, o que acabou com os privilégios e a distinção de classes.

Todas essas mudanças provocaram a reação das forças conservadoras e reacionárias. Os governos e militares franceses e alemães entraram em acordo para reprimir a Comuna, matando mais de 20 mil trabalhadores. Cerca de 38 mil pessoas foram presas e 13 mil foram deportadas para a Guiana Francesa.

O Poder executivo da Comuna durou 72 dias e não chegou a implantar regras socialistas, mas foi encerrado de maneira violenta, por ter adotado medidas bastante revolucionárias.

A França passa novamente por um governo provisório, até que novas eleições sejam convocadas.



O SURGIMENTO DO AUTOMÓVEL

A ideia do automóvel tem como inspiração o projeto do pintor e inventor italiano Leonardo da Vinci, um triciclo movido a corda, durante a Renascença, agora o automóvel vai ganhando vida cada vez mais a partir do aperfeiçoamento da máquina a vapor. Bastou isso ocorrer para que o engenheiro francês Nicolas-Joseph Cugnot criasse, em 1769, a carruagem movida a vapor, uma das primeiras versões do que vem a ser o automóvel.

A invenção de Cugnot demorou um pouco para se popularizar, mas já existem ônibus a vapor circulando pelas ruas de Paris. Esses veículos, que funcionam queimando carvão, são pesados, barulhentos e fedorentos – tanto que são proibidos na Inglaterra, onde os trens já são os principais meios de transporte.

Dois engenheiros alemães, Karl Benz e Gottlieb Daimler, montam duas fábricas concorrentes de automóveis movidos a gasolina e, por isso, são considerados os pioneiros do carro moderno. Daimler e Benz se unem e criam a Daimler-Benz, cujos carros, com o nome Mercedes-Benz.

Todos os primeiros quilômetros da evolução da máquina estão sendo percorridos na Europa. Os Estados Unidos, que até então copiavam os avanços tecnológicos, mudam quando o industrial Henry Ford passa a produzir carros padronizados em massa.

De um brinquedo para ricos, o veículo se torna um bem acessível: “o cavalo da família”, como diz Ford. Essa popularização leva à construção de estradas e ruas asfaltadas e está influenciando a evolução das cidades e da vida moderna.



UM PASSO PARA O FUTURO

O GRANDE RESPONSÁVEL PELA
INVENÇÃO E PATENTEAMENTO DO
PRIMEIRO APARELHO DE TELEFONE
FOI O FONOAUDIÓLOGO E
EMPRESÁRIO ESCOCÊS ALEXANDER
GRAHAM BELL.

EM UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA AO
JORNAL, ELE NOS CONTA UM POUCO
MAIS SOBRE O PROCESSO DE
INVENÇÃO DO TELEFONE.

- Antes de começarmos, nos conte um pouco mais sobre sua vida profissional.

R: Minha carreira teve início na oficina de Charles Williams, localizada na cidade de Boston, e onde também trabalhava Tomas A. Watson, uma pessoa que sentia entusiasmo e simpatia por coisas novas, assim nos dedicávamos, em tempo integral, à invenção e ao aperfeiçoamento de aparelhos elétricos, o que deu origem ao telefone.

- E o que é um telefone, e porque você o criou?

R: O telefone é um aparelho destinado a transmitir e reproduzir à distância o som, o da fala humana, por meio de correntes eletromagnéticas.

A princípio, eu tinha a intenção de aperfeiçoar o "telégrafo harmônico", que era um aparelho que criei, no qual eu seria possível transmitir em código morse de seis a oito mensagens simultâneas.

- E qual foi a chave do seu pensamento durante essa invenção?

R: Eu pensei que se pudesse fazer com que uma corrente elétrica variasse de intensidade da mesma forma que o ar varia ao se emitir um som, seria possível transmitir a palavra telegraficamente, até que depois de muitas tentativas, isso se concretizou. Por meio de um aparelho entre um cômodo e outro, foi possível que eu e Watson fizéssemos uma comunicação, nascendo assim, o telefone.

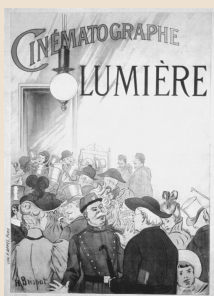
- Você conseguia imaginar a importância de sua criação para o mundo?

R: Sim, sabia que eu havia descoberto algo inovador e que mudaria os meios de comunicação existentes, porém não sabia que tomaria uma proporção tão grande e em tão pouco tempo. Atualmente sou o fundador da Bell Telephone Company, que é a empresa protagonista dos primeiros passos da implantação do telefone como meio de comunicação de massas à escala internacional.

- Impressionante sua história e o seu pensamento durante a criação de algo tão inovador como o telefone e que sem dúvida mudou as nossas vidas. Obrigada por seu tempo e disposição.

CINEMA, O QUE ESSA PALAVRA TÃO NOVA SIGNIFICA?

A ARTE DE COMPOR E REALIZAR
FILMES PARA SEREM PROJETADOS
COMO FORMA DE ENTRETENIMENTO
PARA O PÚBLICO.



"A chegada do trem na estação"

Louis Lumière e Auguste Lumière, popularmente conhecidos como os irmãos Lumière, já estão há muito tempo envolvidos com fotografia, fazem documentários curtos e ajudam o pai, Antoine Lumière, a administrar a fábrica Lumière. No último final de semana, 28 de dezembro, no Salão Grand Café, em Paris, os irmãos fizeram uma apresentação de sua criação e chamaram de Cinematógrafo, uma máquina de filmar e projetor de cinema.

O ingresso custou um franco, e o programa previa dez filmes de três a quatro minutos de duração. Diferentemente do que eles previram, o evento causou comoção na alta sociedade, e, a partir dos 30 e poucos presentes, a notícia se alastrou e conquistou aqueles que o viram.



Louis e Auguste Lumière

Mas o que foi apresentado que causou tal comoção? *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*. Esse foi o nome do filme, que teve duração de apenas 1 minuto e contava a história de um trem chegando a uma estação ferroviária de La Ciotat, com alguns passageiros à espera do trem. Vemos um carregador a avançar em direção à câmara.

O trem proveniente de Marselha aparece ao fundo e para no lado esquerdo da tela. Os passageiros descem de uma carruagem, entre os quais se vê um senhora com um mala. Os próximos passageiros preparam-se para partir e vê-se um homem transportando um barril, muitas pessoas na plateia levantaram-se assustadas, acreditando que um trem estava realmente entrando na sala.

E esperamos que eventos como esse tenham cada vez mais visibilidade não só em Paris como também em outros lugares do país!

Por Roberta Lopes e Sofia Amaral.

CINEMA

Tudo começou na Alemanha em 1887, quando Ottomar Anschutz demonstrou o *Eletro-Tachyscope*, que consiste numa sequência de fotografias colocadas numa roda e visualizadas através de um pequeno orifício, produzindo movimento.

A partir dessa inovação, a captura da "imagem-movimento" foi possível a datar do ano de 1889 com a criação do cinetoscópio por William Dickson, assistente do cientista e inventor americano Thomas Edison. Esse invento e os modelos que o sucederam na década seguinte contribuíram para o desenvolvimento do cinema, ou seja, a arte cinematográfica.

O cinema teve origem no cinetoscópio, que não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. Nesse sentido, a experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores, sobretudo da Europa, para aperfeiçoar o modelo.

No ano de 1892, o francês Léon Bouly conseguiu, a partir do cinetoscópio, desenvolver o cinematógrafo, um modelo que conseguia gravar e projetar a luz das imagens-movimento em tela, em quadros por segundo.

Contudo, Bouly não possuía dinheiro para registrar a patente do invento. O cinematógrafo então acabou sendo patenteado pelos irmãos Lumière, que passaram, com início em 1895, a fazer várias produções cinematográficas de pequena capacidade e a exibi-las em sessões especiais.

Foi produzido então um projetor de filme leve que também funcionava como câmera e impressora. O cinematógrafo era leve o suficiente para facilitar as filmagens externas, e ao longo dos anos os irmãos usaram a câmera para fazer mais de mil curtas-metragens, a maioria dos quais retratava cenas da vida cotidiano.

A primeira exibição de filme feito por Auguste e Louis Lumière ocorreu no dia 22 de março de 1895. O filme era intitulado "La Sortie de L'usine Lumière à Lyon" (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière, na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras "direções cênicas" para o cinema. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade, como bem atesta o sociólogo Edgar Morin na obra "O Cinema, ou O homem imaginário".

Podemos ver que, na frase de Louis Lumière, ele afirma que o cinema era "uma invenção sem futuro, mas a demanda por filmes cresceu num ritmo tão rápido que em pouco tempo os representantes da companhia Lumière viajavam pela Europa e pelo mundo, mostrando as exibições de meia hora dos filmes da empresa.

SERIA PARIS A CAPITAL DA MODA?

Crinolina de armação, será essa a nova moda em Paris? Idealizada pela imperatriz Eugênia de Montijo (esposa de Napoleão III), essa nova tendência funciona como um suporte em que oito aros de aço formam à anágua, dando aspecto de uma imensa gaiola com formatos de sino, deslizando pelos quadris e abrindo em direção ao chão. A imperatriz criou como substituição de uma quantidade de anáguas pesadas. Ao mesmo tempo, foram lançadas as ceroulas de algodão e renda para prevenir contra o vento que poder levantar as saias e ao mesmo tempo mostrar muita feminilidade!



Demonstração de uma crinolina em croqui



Imperatriz Eugênia de Montijo

Alta costura? Charles Frederick Worth, um estilista inglês que trabalhava para a empresa Lewis and Allenby, em Londres, desejou residir na França e trabalhar com vestuário feminino. Charles iniciou com a alfaiataria masculina e, em seguida, moda feminina inicialmente diurna e, logo após, de festa, o que chamou a atenção da imperatriz Eugênia e, através dela, a alta sociedade parisiense. Os vestidos de baile vem trazendo saias repletas de muitos metros de babados, corpetes com profundos decotes, expondo a parte superior dos seios, os ombros e braços, levando ao uso de mantinhas e pelerines de vários tipos para a proteção contra o frio. Para compor a moda, jóias e cabelos presos também estão sendo apostados pelas mulheres da alta sociedade.



Etiqueta de um dos vestidos de Charles Frederick Worth, criado especialmente para não haver plágio

Tecidos e tendências

Quanto aos tecidos, as fibras naturais como algodão, linho, lã, sedas, além das variedades como os crepes, chamalotes, veludos, tafetás, cetins, gorgorões, que já estão presentes na sociedade. Além dessas novas tendências, houve recentes mudanças nos penteados, nos chapéus, nas cores dos tecidos, no comprimento das saias.

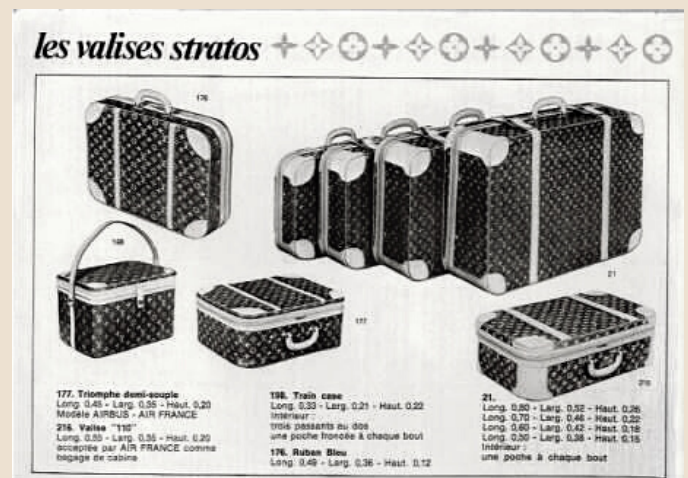
A imperatriz Eugênia, como uma apaixonada por leques, sempre os usa como sinônimo de sofisticação e símbolo de decoração para seu quarto, em tons de preto e cinza.



Novas tendências no mercado da moda estão sendo bastante utilizados pelas mulheres da corte

Puro Luxo!

Eugenia anda influenciando e inspirando pessoas da corte. Seu arrumador de malas, Louis Vuitton, mostra sua nova coleção de malas, não mais baús arredondados, o que teve total apoio da imperatriz, que adora os produtos, para a comercialização e divulgação da marca Vuitton, sendo muito requisitada em toda a Europa.



Exemplo das novas queridinhas da alta sociedade francesa, as famosas malas Louis Vuitton





Colégio 
Stella Matutina
#escolaviva